

# TRADUÇÃO AUDIOVISUAL DO PORTUGUÊS PARA A LIBRAS A PARTIR DO GÊNERO INSTITUCIONAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

---

## *Brazilian Sign Language (LIBRAS) Audiovisual Translation of Genre “Institutional Scientific Dissemination Video”*

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-14

Lis Maximo e Melo\*  
Vinícius Nascimento

---

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar a descrição de algumas estratégias de tradução audiovisual utilizadas por dois tradutores de Libras em vídeos institucionais de gênero divulgação científica. A metodologia empregada para identificar essas estratégias foi a da autoconfrontação simples, que permite ao sujeito da ação observar e descrever as escolhas realizadas em determinada atividade a partir de uma extraposição cronotópica e enunciativo-discursiva. Os profissionais participantes assistiram aos vídeos por eles traduzidos e comentaram sobre as estratégias à medida que foram visualizando-se em atividade. Foram reconhecidas estratégias comuns entre os dois tradutores como as do estudo prévio, do direcionamento ao público-alvo e do trabalho em equipe. Foram encontradas, também, estratégias individuais enunciativo-discursivas, marcadas, dentre outros elementos, pelo uso de datilografia para termos desconhecidos e pela apontação para elementos verbais em português dispostos na tela.

**PALAVRAS-CHAVE:** Libras. Tradução audiovisual. Janela de Libras. Divulgação científica.

**ABSTRACT:** This article aims to present the description of some audiovisual translation strategies used by two Brazilian Sign Language translators in institutional scientific dissemination videos. The methodology used to identify these strategies was simple self-confrontation, which allows the subject to observe and describe the choices made in a given activity from a chronotopic and enunciative-discursive extraposition. The professionals watched the videos they had translated and commented on the strategies as they visualized themselves in activity. Common strategies were recognized for both translators, such as prior study, focusing on the target audience, and teamwork. Individual enunciative-discursive strategies were also found, marked, among other elements, by the use of typing for unknown terms and by pointing to verbal elements in Portuguese displayed on screen.

**KEYWORDS:** Libras. Audiovisual translation. Screen insert. Scientific dissemination.

---

---

\* Especialista em Gestão Cultural pelo Centro Universitário SENAC. Bacharela em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos. Graduanda em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de São Carlos. ORCID: 0000-0003-4995-8538. E-mail: lismaximo(AT)gmail.com

\*\* Doutor e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Bacharel em Fonoaudiologia pela mesma instituição. Professor Adjunto II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: 0000-0003-3057-5828. E-mail: nascimento\_v(AT)ufscar.br

## 1 Introdução

Dentre as possibilidades temáticas de investigação nos *Estudos da Tradução e da Interpretação das Línguas de Sinais (ETILS)* (SOUZA, 2010; SANTOS, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015), a tradução audiovisual (TAV), extremamente recente quando se fala de línguas de modalidade gesto-visuais, vem ganhando espaço e importância devido o aumento da atuação profissional de tradutores e de intérpretes intermodais nesses contextos. Segundo Rodrigues (2013), a tradicional editora *Saint Jerome Publishing* já contava em seu catálogo com títulos nas categorias de Tradução Audiovisual e Multimídia e Interpretação em Língua de Sinais em 2011, configurando o reconhecimento da Tradução Audiovisual (TAV) como um dos campos de estudo nos Estudos da Tradução na pesquisa e na prática tradutória.

Segundo Franco e Araújo (2011, p. 3), o audiovisual pode ser definido como o lugar “onde há um sinal acústico e um sinal visual, independentemente de ser transmitido através de uma tela (que pode ser ao vivo ou não) ou de um palco (sempre ao vivo)” (FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 3). Inicialmente, a TAV foi pensada com o objetivo de traduzir materiais audiovisuais a partir de idiomas diferentes e, segundo as autoras, o ramo de estudos iniciou na década de 1990 com as pesquisas de Gambier (1995; 1996; 1998) e Gottlieb (1997; 2000). Franco e Araújo (2011), nesse prisma, apresentam como modalidades principais de TAV a dublagem, a legendagem, o *voice over*, a narração (*voice off*) e a audiodescrição (FRANCO; ARAÚJO, 2011).

Atualmente, a significativa produção acadêmica na TAV tem se voltado, dentre outros temas, para compreender o impacto que a tecnologia digital proporcionou no campo e na produção acadêmica da área. Com a ampliação dos direitos humanos voltados às pessoas com deficiência e às lutas pelo segmento para o acesso à informação a partir de uma perspectiva multiplataforma, surge como subespecialidade na TAV a chamada Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), como foi denominada por Araújo e Alves (2017), que englobaria uma nova modalidade de tradução para além daquelas apontadas por Franco e Araújo (2011): a janela para a língua de sinais.

De acordo com Greco (2018), duas revoluções históricas contribuiriam para o interesse da pesquisa na área da acessibilidade em geral. A primeira é a produzida pelos direitos humanos e a segunda pelas tecnologias de comunicação e informação (TICs). No início do

século passado o debate de que os seres humanos necessitam de bens materiais e imateriais para terem uma vida digna culminaram na Declaração dos Direitos Humanos que se apoia em duas essências: a dignidade humana e o acesso. O acesso não significa apenas

[...] um indivíduo ter um bem à sua disposição ou ter a possibilidade de alcançá-lo. Ter acesso também significa ter capacidade de utilizá-lo, de interagir com e apreciá-lo. Graças a revolução cultural produzida pelos direitos humanos, ficou claro que o acesso é um requisito necessário ao respeito à dignidade humana como um todo. (GRECO, 2018, p. 208)<sup>1</sup>

A segunda revolução é a da informação que modificou os mecanismos de acesso ao mundo e aos outros, isto é, modificou as formas de consumo e produção de bens, assim como a forma de nos relacionarmos. Consequentemente, o acesso e a falta dele criaram formas de exclusão entre aqueles que tem acesso às TICs e aqueles que não tem.

A respeito da primeira revolução, a comunidade surda brasileira uniu forças para reivindicar direitos sociais e linguísticos a partir dos anos 1980<sup>2</sup>. Em contrapartida, a segunda revolução proporcionou o acesso e a circulação da língua de sinais na *web* uma vez que as facilidades de gravação de vídeos em celulares e chamadas de vídeo promoveram uma forma de registro da língua em uso e consequente visibilidade e legitimidade.

A TAVa, nesse sentido, é um campo de estudos que surgiu impulsionada pelas reivindicações da primeira revolução e o Brasil não esteve fora desse movimento. O movimento surdo, bem como os de outras pessoas com deficiências, passou a lutar pela garantia de direitos à informação, educação e comunicação e, com isso, movimentou a estrutura do setor audiovisual que passou a contar com a atuação de tradutores e de intérpretes de língua de sinais.

Alguns documentos legais foram marcos importantes para a promoção da acessibilidade audiovisual no Brasil. Destacam-se (i) a Lei nº 10.048/2000, que dispõe sobre

---

<sup>1</sup> Na fonte: [...] *access does not merely mean for an individual to have a good at her disposal or to have the possibility to reach it. Having access also means being able to use, interact with, and enjoy that good. Thanks to the cultural revolution produced by human rights, it has become clear that access is a necessary requirement for the respect of the human dignity of all.*

<sup>2</sup> Para mais informações a respeito do movimento surdo consultar Brito, Neves, Xavier (2013).

prioridade de atendimento às pessoas com deficiência e dá outras providências; (ii) Lei nº 10.098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida; e o (iii) Decreto nº 5.296/2004, que regulamenta essas leis.

Em relação à Libras destaca-se a Lei nº 10.436/2002, que reconhece essa língua como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras e o Decreto nº 5.626/2005, que a regulamentou, determinando, dentre outras coisas, que o poder público promova a divulgação da Libras pelas redes concessionárias públicas e, dentre outros aspectos, garanta o acesso dos surdos aos produtos e serviços públicos, como saúde e educação, por meio da atuação de tradutores e de intérpretes de língua de sinais. Esse decreto pode ser considerado, conforme destaca Nascimento (2016a), um divisor de águas para a comunidade surda brasileira porque impulsionou ações concretas de inclusão para que os surdos pudessem ver a sua língua circulando nos espaços em que eles, enquanto cidadãos brasileiros, já participavam cotidianamente por meio de estratégias comunicacionais criadas por eles próprios.

O setor audiovisual, entretanto, possui algumas resistências quanto a acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial, sobretudo para os surdos, e, por isso, outras leis e normas foram criadas a fim de ampliar as ações no setor. Um exemplo disso é o Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual definido pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) em 2013 e a Lei nº 13.146 de 2015<sup>3</sup>.

Das três modalidades de TAVa, audiodescrição, janela para a língua de sinais e legendagem para surdos e ensurdecidos, a única que contempla os surdos falantes de Libras é a janela, que é definida como

[...] o espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais, feita por Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS), na qual o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo da tela, exibido simultaneamente à programação. (NAVES, MAUCH, ALVES, ARAÚJO, 2016, p. 15-16)

---

<sup>3</sup> Para saber com detalhes todo o percurso histórico dos marcos legais na acessibilidade audiovisual sugerimos consultar Spolidorio (2017).



No entanto, sabemos que na prática o campo audiovisual está bem pouco acessível como mostrou Nascimento (2017, p. 462) ao discutir sobre a esfera política:

A nova realidade de acessibilidade para surdos em vídeos político-partidários estabelecida pela LBI fez com que uma diversidade de formatos, tipos, cores, tamanhos e recortes de janelas fossem inseridas nas propagandas partidárias obrigatórias e nos debates municipais promovidos pelas diferentes emissoras de TV em 2016. [...] Os problemas foram tantos que a Federação Brasileira das Associações de Tradutores, Intérpretes e Guias-Intérpretes da Língua de Sinais (FEBRAPILS) criou um formulário para reunir as denúncias de janelas irregulares a fim de direcionar as inadequações aos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs).

Com isso, orientações técnicas para a inserção da janela de Libras também foram elaboradas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que lançou em 2005 a primeira norma para acessibilidade em comunicação na televisão, NBR 15.290, e uma atualização em 2016. Em parte, por desconhecimento da norma NBR 15290 e, em parte, por falta de interesse em atender esse público que, de forma objetiva, talvez não possua grandes impactos nos números da audiência na programação das emissoras, a norma não é seguida à risca.

O *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* lançado pelo Ministério da Cultura e a Secretaria do Audiovisual em 2016 recomenda que a acessibilidade seja prevista desde a etapa de produção da obra. “No caso do audiovisual, a acessibilidade deve ser incorporada desde o desenho do projeto e estar presente em todas as fases da produção e distribuição. Portanto, não é mais admissível tratar a acessibilidade como acessório, complemento ou adaptação a posteriori” (NAVES *et al.*, 2016, p. 13).

No entanto, na maioria dos casos as produtoras inserem recursos de acessibilidade dos filmes na etapa de pós-produção, ou seja, os filmes não são planejados para serem acessíveis cabendo ao profissional tradutor resolver com estratégias linguístico-discursivas de tradução questões que poderiam ser pensadas no projeto inicial da obra. Entretanto, pouco se sabe, ainda, quais são os procedimentos utilizados pelos profissionais para lidar com as especificidades dos gêneros audiovisuais na tradução de língua de sinais.

Alguns estudos já vêm buscando mapear e descrever a tradução audiovisual da língua de sinais (TALS) em diferentes aspectos. Dentre essas pesquisas, destacam-se as

desenvolvidas por Nascimento (2011; 2014; 2016b; 2017; 2020), de Júnior e Carneiro (2020), de Rigo e Pereira (2020), de Nascimento e Nogueira (2019), de Nogueira e Alves (2019), o trabalho de Oliveira e Vasconcellos (2018), o estudo de Anjos (2017), o de Nichols (2016), de Santos (2016), a pesquisa de Silva (2015), as pesquisas de Albres (2015a; 2015b) e o estudo de Brito (2012).

Apesar de alguns estudos iniciarem o processo de descrição dos procedimentos tradutórios envolvendo o par linguístico Libras-Língua Portuguesa (LP) a partir de gêneros audiovisuais, não há, até o momento, estudos que apresentam descrições sobre a atuação do tradutor de Libras em vídeos institucionais de divulgação científica. Por isso, este artigo tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa de iniciação científica<sup>4</sup> realizada no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que descreveu e analisou estratégias de tradução audiovisual na direção português – Libras a partir de um vídeo institucional de gênero divulgação científica.

## 2 Fundamentação teórico-metodológica

Para alcançar os objetivos, a pesquisa articulou como fundamentação teórico-metodológica a perspectiva dialógica da linguagem aos estudos da tradução e interpretação intermodal. Essa articulação permitiu, primeiramente, compreender a língua para além do código abstrato e de sua produção articulatória e as atividades de tradução e de interpretação como práticas discursivas de mediação linguístico-cultural que são realizadas a partir de gêneros do discurso (NASCIMENTO, 2018).

Na concepção bakhtiniana, as línguas são sistemas semiótico-ideológicos e, por isso, os falantes, quando as utilizam, são atravessados pela dimensão axiológica desses sistemas, isto é, o sujeito, inserido em um momento histórico, em uma sociedade, em interação com outros sujeitos, fala de lugares valorativos:

---

<sup>4</sup> Pesquisa desenvolvida pela segunda autora com Bolsa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo: 2018/16642-5) orientado pelo segundo autor no âmbito do projeto “Tradução de libras em materiais audiovisuais: usabilidade de janelas e sincronia verbo-visual no processo tradutório” desenvolvido com Auxílio Regular à Pesquisa também da FAPESP (Processo: 2017/21970-9).

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva, que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219)

Toda interação discursiva ocorre através dos enunciados, que por sua vez, necessita de, no mínimo, dois sujeitos organizados socialmente possibilitando, então, a aparição da realidade fundamental da língua que se manifesta *entre* os sujeitos, locutor e interlocutor, da enunciação concreta.

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. [...] Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204)

Não existe enunciado sem interlocutores e a interação discursiva se dá entre os sujeitos, mesmo quando o sujeito fala consigo mesmo ele está enunciando para um outro no seu diálogo interior. Se não houver um sujeito presente empiricamente na interação, haverá uma idealização de um representante possível para o estabelecimento do diálogo que, por sua vez, acontece pelo uso comum de um sistema semiótico-ideológico.

Quando pensamos no contexto audiovisual, o público consumidor, geralmente, não está presente no momento da produção da obra e recebe a palavra do locutor após ela ter sido planejada por meio de roteiros, pautas, *releases*. Mesmo em transmissões “ao vivo”, o interlocutor recebe o discurso de forma mediatizada por aparelhos tecnológicos o que faz com que a interação entre locutor e interlocutor não aconteça de forma imediata<sup>5</sup>. O público-alvo da mídia é previsto em grupos sociais determinados por classes de poder aquisitivo

---

<sup>5</sup> Com as redes sociais, a interação entre locutores em programas televisivos e os públicos ganhou uma nova forma de acontecer, visto que, em algumas programações ao vivo, os espectadores comentam em tempo real sobre o que estão assistindo em suas redes. Todavia, a depender do gênero, os comentários do público não são inseridos na produção verbal do locutor (apresentador, jornalista etc.), mas na composição verbo-visual da produção por meio da reprodução dos comentários em gerador de caracteres, por exemplo.

(classe média, alta, baixa), faixa etária, gênero, entre outros indicadores. O público surdo, entretanto, historicamente não é previsto como audiência dos discursos produzidos no audiovisual e, por isso, há a necessidade de uma intervenção legal para garantir o acesso desse público à produção cultural que circula por esses meios.

O acesso dos surdos falantes de Libras à cultura audiovisual acontece, conforme determina a legislação, por meio da atuação de tradutores e de intérpretes que são interlocutores especializados para a mediação linguístico-cultural e estabelecem a interação discursiva entre quem não tem acesso a língua fonte – o surdo, e o outro – um sujeito ouvinte ou um discurso audiovisual.

Estes sujeitos promovem as relações interlocutivas entre o conteúdo audiovisual e os surdos permitindo a esse público, então, a compreensão dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262), ou seja, dos gêneros do discurso, que circulam nesse meio. Os gêneros, em geral, são orientados, primeiro, aos diversos campos da comunicação, ao seu tempo e espaço reais, e segundo, ao seu próprio interior, “para as coerções que são instituídas a partir de si na relação com o tempo e com o espaço em que é produzido” (NASCIMENTO, 2011, p. 53).

Na esfera audiovisual a função do tradutor e intérprete extrapola a enunciação verbal. O vídeo é feito da mescla de diferentes linguagens como áudio, vídeo, foto e animação e o conjunto delas produz significado para seu interlocutor. Por vezes tende mais para a linguagem verbal, por vezes para a linguagem visual, mas o sentido da obra se dá na articulação de todas essas linguagens constituindo-se, portanto, de enunciados verbo-visuais, que conforme define Brait (2013), acontecem quando

tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente. (BRAIT, 2013, p. 43)

Cabe ao tradutor e ao intérprete de língua de sinais mediar as linguagens contidas na peça audiovisual para o público surdo, lidando com a dimensão verbo-visual do enunciado.

Ciente disso, o profissional deve refletir sobre as escolhas tradutórias e estratégias que se integrem ao enunciado semiótico. No caso de obras que são traduzidas<sup>6</sup>, quando o vídeo é planejado prevendo a janela de Libras, tradutores e equipe audiovisual encontram, juntos, soluções linguístico-semióticas para a fruição das obras para os públicos ouvinte e surdo, mas quando isso não ocorre, boa parte do trabalho de adaptação do conteúdo verbal pode ficar a cargo do profissional da tradução<sup>7</sup>. Por essa razão, parte-se do pressuposto de que os profissionais em atuação nos vídeos em questão não transladaram apenas o material verbal do português para a Libras, mas sim, toda a materialidade semiótico-ideológica de dimensão verbal, visual, verbo-visual do vídeo.

### 3 Descrição do contexto e da construção do *corpus*

A pesquisa aqui relatada, por envolver seres humanos, foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar (CEP/UFSCar – CAAE: 94338418.5.0000.5504) conforme preconiza a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução do Conselho de Pesquisa (CoPq) da UFSCar nº 001, de 18 de agosto de 2015.

Para a realização deste estudo, utilizou-se como dispositivo metodológico a *autoconfrontação simples* que foi, originalmente, elaborada no contexto da Clínica da Atividade francesa e que vem sendo utilizado em pesquisas que objetivam analisar o trabalho

---

<sup>6</sup> Importante destacar que estamos assumindo, aqui, diferenças operacionais entre o *traduzir* e o *interpretar*. Enquanto o primeiro é marcado pela possibilidade de recursividade, revisão e refacção, a segunda apresenta como característica principal o imediatismo e impossibilidade de revisão do texto, conforme afirmam Pagura (2003) e Rodrigues (2018). No caso da TALS, percebe-se certo hibridismo nessas atividades marcadas, especialmente, pelas diferenças de modalidade entre as línguas. Na tradução de obras audiovisuais, embora o tradutor de língua de sinais tenha possibilidade de planejar, revisar e refazer, sua produção enunciativa acompanha o fluxo e velocidade da oralidade dos locutores das obras apontando para uma *execução de caráter mais interpretativo*, conforme defende Nascimento (2011; 2017).

<sup>7</sup> Segundo Nascimento et. al (2020), com a pandemia de COVID-19, muitos profissionais precisaram se adaptar para a oferta dos serviços de tradução organizando estúdios improvisados em suas residências. Alguns dos profissionais precisaram, ainda, aprender a lidar com edição de vídeo para entregar aos clientes um produto completamente finalizado com janelas de Libras já inseridas nas peças audiovisuais. Esse aspecto aponta para uma necessidade cada vez mais recorrente no mercado da TALS de que os tradutores de língua de sinais precisam, também, ter algum conhecimento mínimo de edição e pós-produção em peças audiovisuais.

sob a perspectiva dialógica e “intervir na situação favorecendo transformações na atividade e restabelecendo o poder de agir dos coletivos de trabalho” (FAÏTA; VIEIRA, 2003, p. 28).

Segundo Vieira (2004, p. 10-11), as autoconfrontações são

dispositivos de análise que permitem refletir as experiências práticas como um espaço privilegiado de produção de um saber “operacional”. São dispositivos clínicos de confronto do trabalhador em dois níveis da produção de sentido. O primeiro, da própria atividade realizada (a situação observada e registrada em descrição escrita, em áudio ou em vídeo), o segundo, da representação que o protagonista faz da atividade (o que ele pensa da atividade, falado em entrevista, grupo ou sessão de discussão). O princípio básico consiste em confrontar diferentes níveis de produção discursiva na e sobre a atividade, fazendo que o protagonista do trabalho reflita a própria prática nos limites do que e do como se preconiza que uma tarefa seja feita (prescrito) e do que e do como se pode fazê-la na situação concreta (real).

Segundo Faïta e Vieira (2003), as etapas do dispositivo de autoconfrontação são: 1) constituição do grupo de análise (Faïta, 1997) que desenvolve o trabalho sobre o objeto da pesquisa e sobre as opções metodológicas; 2) a realização das autoconfrontações simples e cruzadas mobilizando a conjugação das experiências; 3) a extensão do trabalho de análise ao coletivo profissional.

Seguindo as etapas propostas pelos autores, constituiu-se, primeiramente, o grupo de análise que foi formado por dois tradutores e intérpretes de Libras-Português da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e os dois pesquisadores autores deste trabalho. Os dois participantes, Anderson Marques e Joyce Cristina Souza<sup>8</sup>, são profissionais com mais de cinco anos de experiência e atuam na tradução e na interpretação da Libras na universidade em diferentes contextos e setores por meio da Serviço de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (SeTILS) que reúne tradutores e intérpretes de Libras lotados no Departamento de Psicologia e na Secretaria Geral de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (SAADE) no *campus* São Carlos da UFSCar.

---

<sup>8</sup> Serão utilizados os nomes reais dos profissionais participantes da pesquisa bem como as imagens coletadas durante as autoconfrontações. O uso dessas informações foi autorizado pelos participantes por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo CEP-UFSCar.

Uma das ações realizadas pela SeTILS foi a tradução da série “Que curso eu faço?” do *videocast* “Click Ciência” que é uma ação do Laboratório Aberto de Interatividade para a Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico (LAbI), vinculado ao Departamento de Física da mesma universidade. A série apresenta cada um dos 62 cursos de graduação dos 4 *campi* da Universidade a fim de divulgá-los entre os candidatos aplicantes no SiSU para que os ajudem na escolha do curso. O LAbI, em parceria com a SeTILS, disponibilizou o mencionado *videocast* com janela de Libras para que possíveis candidatos surdos pudessem, também, conhecer os cursos da universidade.

Foi solicitado aos dois profissionais que escolhessem um dos vídeos que traduziram na série “Que curso eu faço?” para a realização da autoconfrontação. Entretanto, ambos pediram para que a equipe de pesquisadores escolhesse os vídeos. Para tanto, foram selecionados dois vídeos correspondentes à atuação de cada um a partir do critério *maior tempo de duração*. Nesse sentido, o vídeo utilizado na segunda etapa com Anderson foi o do curso de Engenharia Mecânica que possui 5’3” segundos e o utilizado com Joyce foi o do curso de Medicina 5’45”. A autoconfrontação foi realizada cerca de três anos após a finalização da tradução da *websérie*, o que demandou dos profissionais um intenso exercício de memória para retomada das escolhas e do processo tradutório.

Depois do grupo de análise ter sido constituído, partiu-se para a etapa da autoconfrontação simples quando os profissionais assistiram seus vídeos e comentaram sobre aquilo que viram em sua atuação, ou seja, para “o momento da produção de um discurso que se refere às sequências filmadas, ao que elas mostram, sugerem ou evocam. [...]” (FAÏTA; VIEIRA, 2003, p. 34). Para essa fase, foi utilizado uma câmera direcionada ao profissional e à pesquisadora que participou da situação de autoconfrontação e um computador em duas configurações de sala diferentes, visto que as autoconfrontações aconteceram em momentos distintos:

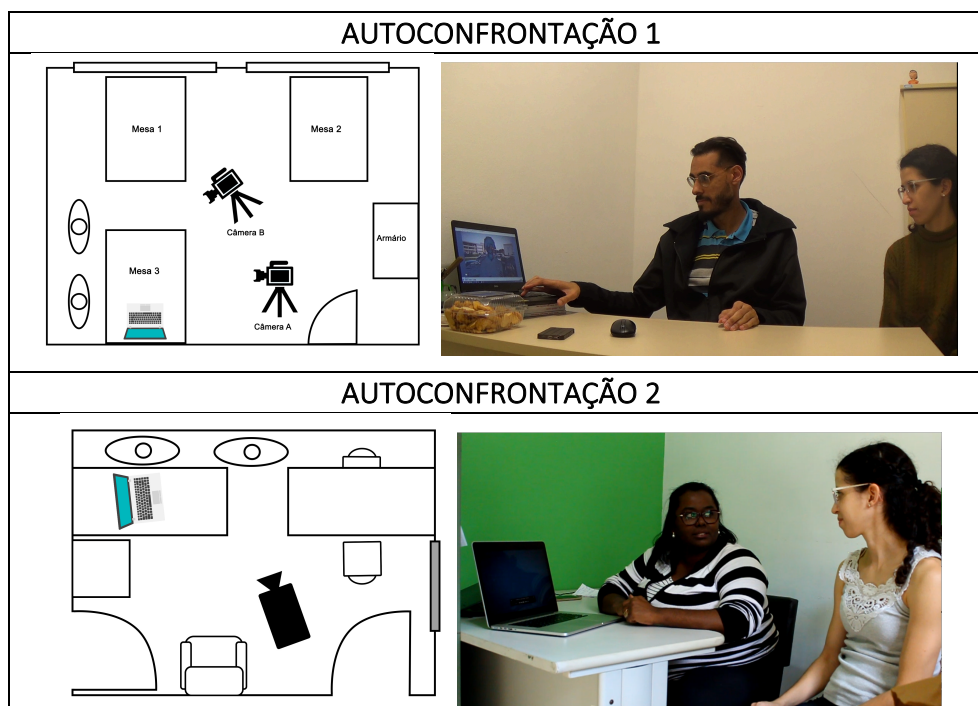


Figura 1 – Plantas e imagens das câmeras das autoconfrontações

Fonte: MELO (2019, p. 42-3).

Por fim, a última etapa foi a análise do material coletado a partir da fundamentação teórico-metodológica anunciada. Durante a autoconfrontação, os participantes da pesquisa produziram dois tipos de enunciações: (i) *intramodal*, quando comentaram em língua portuguesa as suas escolhas tradutórias ou outros elementos que consideraram pertinentes; e (ii) *intermodal*, quando o tradutor utiliza a língua de sinais e a língua oral ao mesmo tempo ou quando apresentou exemplos em Libras (texto verbal gesto-visual) comentando em português (texto verbal oral-auditivo). Para dar conta dessa segunda materialidade, os enunciados foram transcritos a partir da proposta de Nascimento (2016a), que utilizou um método combinado no qual foram exploradas, quando se trata das enunciações intermodais, as imagens como registros materiais dos enunciados trazidos em Libras e sua marcação em glosa junto com as falas produzidas em LP. Esses enunciados acontecem em forma de citação direta dos enunciados produzidos no vídeo que é fonte da autoconfrontação devido o dispositivo suscitar uma descrição e análise metalinguística. Por essa razão, para mostrar a natureza do discurso citado (que no caso aqui é verbo-visual) serão apresentados a discurso fonte referenciado pelos participantes da pesquisa.



O *corpus* foi categorizado em (i) temas comuns e (ii) temas individuais no processo de tradução. No primeiro, foram observadas estratégias de estudo prévio, trabalho em equipe, direcionamento e preocupação com público-alvo. No segundo, aparecem elementos de natureza enunciativo-discursivas. Neste artigo, nos limitaremos a apresentar os recursos enunciativo-discursivos adotados pelos tradutores.

#### 4 Resultados e discussão

O gênero vídeo institucional é caracterizado por diferentes aspectos. Segundo Júnior (1997), esses vídeos são meios de divulgação visual/auditivo que podem ser considerados como *atividades comunicativas descendentes centrífugas*, ou seja, aquelas que transferem informações de determinada cúpula para alguma base. Pode-se dizer, ainda, que este seria um gênero “guarda-chuva” que abrigaria subgêneros que servem à diferentes objetivos comunicacionais da instituição que o utiliza.

No caso da pesquisa aqui descrita, o vídeo institucional é de caráter informativo e estruturalmente elaborado no formato documentário, pois representantes dos cursos de graduação se posicionam em frente à câmera e narram suas experiências sobre a instituição ou os serviços que ela oferece. A *web série* “Que curso eu faço?” conta com a participação de professores e alunos dos cursos em destaque que explicam sobre a grade curricular, os projetos de pesquisa e extensão ligados aos cursos e o perfil do profissional egresso. As falas são entrecortadas de um sujeito para o outro de modo que cada uma seja uma síntese de uma das características do curso. Desse modo as falas são muito curtas e há grande quantidade de cortes.

Os vídeos dessa *web série* foram traduzidos para a Libras e, geralmente, quando se insere traduções intermodais nesses vídeos adotam-se estratégias como, por exemplo, por parte do tradutor, acelerar o ritmo de sinalização, supressão e apontações e, por parte da equipe de edição, efeitos como aceleração do vídeo traduzido e inserção de elementos visuais semióticos. Para a tradução desta série os TILSs relataram realizar um estudo prévio dos conceitos trazidos nos vídeos, pois sendo de áreas de formação distintas havia a necessidade de ter a compreensão de enunciados específicos dos campos temáticos do vídeo para então elaborar o enunciado em Libras. Por vezes fizeram uso de glosas ou anotações das

estratégias que iriam utilizar no momento gravação, consultaram outros TILS para sanar dúvidas e glossários online.

No caso da tradução da *websérie* “Que curso eu faço?”, os recursos enunciativo-discursivos relatados pelos dois profissionais autoconfrontados foram, dentre outros, (i) *alteração na velocidade* da sinalização para acompanhar o áudio em português, (ii) *o uso da datilologia*, e por fim, (iii) *a apontação* para elementos gráficos inseridos na pós-produção, os *letterings*, conforme demonstram os recortes a seguir.

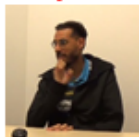
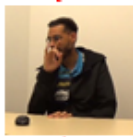
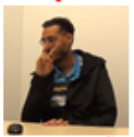



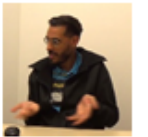
Anderson - 00031.MTS		
	Transcrição intermodal com citação	Discurso citado
TILS	<p>Aqui a gente rouba para janelinha ((apontando na tela do notebook)) por conta que, de novo, é muito conceito que eu teria que ficar/<b>es-tá-tica</b></p> <p>[</p>  <p><b>E-S-T-Á-T-I-C-A</b> ((soletração))</p> <p><b>di-nâ-mi-ca</b>, <b>vi-bra-ções</b>, mecânica dos <b>fluidos</b> então a gente</p> <p>[ [ [</p>    <p><b>D-I-N-Â-M-I-C-A</b> <b>V-I-B-R-A-Ç-Õ-E-S</b> <b>F-L-U-I-D-O-S</b> ((soletração)) ((soletração)) ((soletração))</p> <p>por fazer assim porque eu acho, que tipo, é o conceito entendeu?</p>	
Pesq	<p>aí você joga a resposta para quem tá assistindo porque, tipo sei lá, <b>dinâmica</b> não é <b>essa</b> dinâmica, entendeu?</p> <p>[ [</p>   <p><b>((DINAMICA))</b> <b>((ESSA – Mãos abertas))</b></p>	
Pesq	<p>Por que que você falou “rouba para janelinha”? por que “rouba?” ((risos))</p>	
TILS	<p>((risos)) “Rouba” porque tipo assim, ah eu não tô fazendo 100% em língua de sinais eu tô usando outros recursos semióticos ((fala muito baixo)) outros recursos que assim se você pensar por um lado, tipo “ah mas e se você for pensar em um surdo que não sabe a língua portuguesa?” ele vai se perder nessa parte porque não tem uma tradução, ele vai ter que ler...</p>	

Figura 2 – Recursos enunciativo-discursivos relatados pelos dois profissionais autoconfrontados  
Fonte: elaborada pelos autores.

Nesta situação, o tradutor percebe a apontação adotada durante a tradução como uma ausência de discurso, visto que as palavras em português não foram sinalizadas. Ao mesmo tempo, essa foi a solução encontrada para trazer todos os itens listados para fazer caber no tempo da fala do vídeo. Nota-se que a estratégia foi solicitar à equipe audiovisual a inserção dos itens na imagem, uma solução para evitar a datilologia de todos os nomes dos projetos mecânicos mencionados, pois *não haveria tempo suficiente*. Por este motivo, a principal dificuldade na tradução para a Libras foi fazer o discurso na língua alvo ter a mesma duração do discurso na língua fonte. Esta dificuldade é inerente a diferença de modalidade entre as línguas, a oral-auditiva e a gesto-visual, pois como afirma Rodrigues (2013, p.114) a respeito do impacto dos efeitos de modalidade, “a fluência do texto fonte, o estilo do autor desse texto e a velocidade com a qual ele é produzido, interferem no processo de construção do texto alvo”.

Percebe-se também que há, para o tradutor, uma pressuposição de um auditório social definido para sua tradução: surdos não bilíngues. A escolha pela manutenção dos elementos em língua portuguesa por meio da apontação, nesse sentido, não respondeu à sua representação sobre seu público. Segundo Volochínov (2017), toda palavra é orientada para um determinado interlocutor. Ela é ponte porque se apoia, numa extremidade, no locutor e, na outra, no interlocutor. Nesse sentido, qualquer enunciado pressupõe um auditório social que não pode, conforme defende o autor, ser abstrato. O interlocutor presumido é sujeito e faz parte de um grupo e possui laços sociais com outros sujeitos. Como atividade interlinguística de dimensão enunciativo-discursiva, toda tradução orienta-se para um interlocutor. Na situação em análise, o tradutor pressupôs que o auditório social de sua enunciação em Libras era composto de surdos não bilíngues e, por isso, eles não teriam condições de ler o texto em português indicado na tela pelo recurso enunciativo da apontação.

No entanto, o profissional ainda não possuía consciência de que utilizar a estratégia de apontação seria uma forma de limitar o acesso do texto para os surdos não bilíngues. A opção pela estratégia da apontação revelada pela autoconfrontação causou certo desconforto no tradutor o fazendo assumir sua escolha falando em tom mais baixo, como se fosse algo não permitido dizer ou fazer. Apesar de ter alegado estudo prévio em outro

momento, ele foi surpreendido, durante a autoconfrontação, por escolhas tradutórias que havia planejado, mas que, a princípio, não tinham sido avaliadas do ponto de vista da sua concepção de auditório social.

A estratégia da apontação também foi referida pela segunda tradutora que alegou, dentre outros pontos, que a presença do texto verbal em português no vídeo a permitiria não usar a datilologia:

Joyce - 00031.MTS		
	Transcrição intermodal com citação	Discurso citado
<b>TILS</b>	<p>Tem uma parte do vídeo que ele aponta que ele lista cinco coisas, né? e aí no começo a tradutora fez, no caso eu, fiz <b>assim</b> porque eu havia pensado</p> <p>[</p>  <p><b>BOIA (CIT_A)</b></p> <p>na estratégia de fazer <b>assim</b> mas aí o meu tradutor apoio lembrou de uma</p> <p>[</p>  <p><b>BOIA</b></p> <p>de uma informação que eu havia esquecido de que essas <b>informações</b></p> <p>[</p>  <p><b>(APONTAÇÃO Esquerda)</b> <b>(CIT_B)</b></p> <p>iriam estar no vídeo, então eu não teria que ter essa preocupação de listar <b>aqui</b> e dizer o <b>nome</b> de cada uma delas porque <b>elas</b> estavam logo</p> <p>[</p>  <p><b>BOIA (CIT_C)</b> <b>(Aponta para dedos da boia)</b></p> <p>[</p>  <p><b>APONTAÇÃO</b></p> <p>ao lado só tinha que apontar e isso tava na glosa mas a glosa como não</p> <p>[</p>  <p><b>APONTAÇÃO (CIT_D)</b></p> <p>tava comigo tava com apoio ele tinha essa função também de passar para a gente as anotações que a gente mesmo fazia</p>	 <p><b>(CIT_A)</b></p>  <p><b>(CIT_B)</b></p>  <p><b>(CIT_C)</b></p>  <p><b>(CIT_D)</b></p>

Figura 3 – Uso de estratégias de apontação  
Fonte: elaborada pelos autores.

Para esta profissional, a estratégia de apontação se baseou nas suas anotações realizadas antes da gravação do vídeo. Todavia, essas estratégias foram lembradas pelo *tradutor de apoio*, conforme ela mesma denomina, que passou a informação de que ela deveria apontar para a imagem. Por isso, ela manteve as estratégias de indicar nos dedos cada um dos cinco itens mencionados pela estudante de medicina. A tradutora não fez uso da datilologia para nomear as atividades do curso de medicina, pois decidiu elaborar cada uma das atividades em Libras renunciando à transliteração do português. A tradutora não revela desconforto algum por optar por esta estratégia e não compreende sua escolha como uma “ausência de tradução” como o seu par sugeriu.

Nos dois recortes acima percebe-se que há uma certa compreensão, por parte dos tradutores, de que o processo tradutório deveria transpor todos os elementos verbais produzidos oral e graficamente no vídeo para a Libras. Parece haver, nesse sentido, uma concepção de que a tradução deveria considerar apenas a dimensão verbal do discurso fonte. Entretanto, o gênero mobilizado, ao mesmo tempo que permite o uso da apontação para os elementos presentes no vídeo, os coage a tal estratégia, visto que, nesse caso em específico, a janela de Libras foi utilizada como recurso semiótico e estético pelos produtores para apresentar informações em português escrito. Além disso, a velocidade da produção oral dos locutores, o vazio lexical na língua-alvo de termos correspondentes e a transcrição de alguns pontos para o escrito presentes no vídeo impeliram os tradutores a usar a estratégia da apontação como recurso possível para a tradução. Evidencia-se, nesse sentido, que, embora o processo de planejamento e preparação seja característico do que comumente se denomina por *tradução*, o fato do texto-fonte ser falado impõe características de *interpretação*, conforme mostra Nascimento (2011; 2017).

Esse aspecto revela algo pouco discutido nos ETILs: a estreita relação entre traduzir e interpretar. Comumente a tradução é definida como uma atividade que trabalha com textos escritos e finalizados e a interpretação com textos imediatos e efêmeros (RODRIGUES, 2018). Entretanto, o que se percebe aqui é que o fato de o texto fonte da TALS ser, geralmente, um texto falado há, do ponto de vista da execução da tarefa, características de interpretação, pois diante da câmera, no fazer tradutório, o profissional acompanha o *fluxo de fala* do texto

fonte. Esse elemento aponta para certo hibridismo na prática tradutória intermodal de textos audiovisuais.

Em relação ao ritmo de sinalização, cada tradutor afirmou haver a necessidade de acelerar a sua velocidade de sinalização para dar conta do enunciado oral, sendo que o fluxo da fala foi apontado como uma das principais dificuldades. A datilologia foi utilizada quando não havia conhecimento aprofundado dos profissionais em relação à área do conhecimento científico do vídeo ou a fim de manter o nome do termo científico em português. A estratégia da apontação foi utilizada para momentos em que não haveria tempo de falar uma lista de conceitos.

Nesse sentido, os tradutores, no âmbito dessa análise, enquanto interlocutores primários da obra na condição de enunciadores-mediadores (NASCIMENTO, 2014), fazem movimentos de análise e de escolhas determinados por dois fatores: (i) pelo gênero mobilizado no processo; e (ii) pela imposição da modalidade falada do vídeo.

O uso da apontação para recursos verbais do português expostos na tela, a utilização de boias como marcadores de organização discursiva da língua de sinais em paralelo à listagem de termos presentes na tela indica, aí, uma unidade tradutória intermodal verbo-visual em que o verbal, presente tanto pelo português quanto pela Libras, associados à janela de Libras como estratégia semiótica e estética para o gênero em questão, formam uma unidade indissociável. Diante disso, pode-se inferir que traduzir textos audiovisuais implica mobilizar estratégias que consideram diferentes dimensões da linguagem e não apenas a dimensão verbal.

## 5 Considerações finais

Neste artigo, refletiu-se a respeito dos elementos linguísticos-discursivos mobilizados pela tradução audiovisual de vídeos institucionais de divulgação científica. O contexto analisado nos permitiu perceber outros elementos que impactam uma tradução intermodal audiovisual que é realizada não apenas no momento de captação da produção linguística da língua-alvo, mas que é afetada desde a pesquisa dos conceitos em português, do planejamento da estrutura da fala em Libras em função do público-alvo, além do planejamento da imagem do tradutor e da sua inserção no vídeo. A análise revelou que a

tradução intermodal audiovisual carrega aspectos da interpretação simultânea, pois no momento do registro em vídeo a sinalização acompanha o texto fonte que é de natureza falada.

A forma como os tradutores transpõem os enunciados deste gênero para a Libras demonstra autonomia para fazer suas decisões e escolhas tradutórias, o que não os impede de recorrer aos pares para sanar dúvidas, pedir sugestões e trabalhar como equipe no formato turno-apoio e adotar estratégias que sejam comuns à equipe de trabalho.

A falta de participação dos tradutores nas etapas de produção do vídeo impactou nas estratégias. Nenhum dos tradutores considerou participar da equipe audiovisual talvez pela alocação da função, talvez pela falta de tradição. Também não consideraram explorar estratégias verbo-visuais mais interessantes ou que solucionassem outras dificuldades além da de acompanhar o discurso fonte.

Este trabalho visou uma forma de registro da atividade de tradução na esfera audiovisual de produção de vídeos institucionais de gênero de divulgação científica, assim como ampliar a reflexão da prática da tradução audiovisual de um contexto micro para o macro abarcando todo o gênero e suas especificidades. Espera-se, nesse sentido, que o que aqui foi discutido contribua com a formação de novos tradutores e intérpretes de Libras, com o debate sobre o hibridismo envolvendo a tradução e a interpretação de línguas gesto-visuais e com o recente e emergente debate sobre a TALS.

## Referências

ARAUJO, V. L. S.; ALVES, S. F. Tradução Audiovisual Acessível (TAVa): Audiodescrição, Janela De Libras E Legendagem Para Surdos e Ensurdidos. **Trab. linguist. apl.**, v. 56, n. 2, p. 305-315, ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138650164304021>

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, n. 2, p. 43-66, nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200004>

FAÏTA, D.; VIEIRA, M. Quando os outros olham outros de si mesmos: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia**, v. 7, n. 7, p. 27-65, 2003.



FRANCO, E. C. P.; ARAUJO, V. S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual. **Tradução em Revista**, n. 11, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.18884>

GRECO, G. M. The nature of accessibility studies. **Journal of Audiovisual Translation**, v. 1, n. 1, p. 205-232, 2018. DOI: <https://doi.org/10.47476/jat.v1i1.51>

JÚNIOR, M. A. S. S.; CARNEIRO, L. C. S. Traços de regionalismo na tradução audiovisual da novela em libras *Família Silva*. In: RIGO, N. (Org.) **Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em libras: volume III**. Petrópolis: Arara Azul, 2020.

JÚNIOR, O. V. **Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Faculdade de Comunicação, Filosofia e Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

NASCIMENTO, M. V. B. **Tradução de Libras em materiais audiovisuais: usabilidade de janelas e sincronia verbo-visual no processo tradutório**. (Relatório de Pesquisa). Universidade Federal de São Carlos, (UFSCar), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2017/21970-9), São Paulo, 2020.

NASCIMENTO, V. O eu-para-mim de intérpretes de língua de sinais experientes em formação. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, v. 13, n. 3, p. 104-122, 2018. ISSN 2176-4573. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457335494>

NASCIMENTO, V. Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, n. 2, p. 461-492, out. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138649203273941>

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016a.

NASCIMENTO, V. Da norma legislativa à atividade interpretativa: acessibilidade comunicacional de surdos à mídia televisiva. In: SILVA, A.; ALBRES, N. A.; RUSSO, A. (Org.). **Diálogos em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais**. Curitiba: Editora Prismas, 2016b.

NASCIMENTO, V.; OLIVEIRA, G. N.; SANTOS, L. F.; SOUZA, J. C.; FORNARI, R. V. Tradução e interpretação de português-libras na rede InformaSUS-UFSCar: direito à informação para surdos em tempos de COVID-19. **Cadernos de Tradução**, N. Especial, p. 61-82, 2020.

NASCIMENTO, V. Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensões da linguagem para a formação de tradutores/intérpretes de Libras/Português. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Org.) **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota Editora, 2014.



NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo**: elementos verbo-visuais na produção de sentidos. 2011. Dissertação. (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Org.). **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NOGUEIRA, T. C.; ALVES, T. M. Procedimentos e desafios na tradução de curtas-metragens para libras. *In*: RIGO, N. (Org.). **Textos e contextos artísticos e literários**: tradução e interpretação em libras: volume I. Petrópolis: Arara Azul, 2019.

OLIVEIRA, C.; VASCONCELLOS, A. A janela de Libras. *In*: FARACHE, A. (Org.). **Alumiar**: uma experiência de cinema acessível. Recife: Ministério da Educação/TV Escola/Fundação Joaquim Nabuco, 2018.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, 19, v. Especial, p. 209-236, S 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000300013>

PEREIRA, R. C.; RIGO, N. **Estratégias de tradução audiovisual para libras no contexto cinematográfico**. *In*: RIGO, N. (Org.) **Textos e contextos artísticos e literários**: tradução e interpretação em libras: volume III. Petrópolis: Arara Azul, 2020.

RODRIGUES, C. H. Translation and signed language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 2, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294>

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a língua de sinais brasileira**: efeitos de modalidade e processos inferenciais. 2013. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SOUZA, S. X. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo, Editora 34, 2017.

Recebido em: 23.09.2020

Aprovado em: 20.07.2021